

[escombros]



Rodrigo Briveira



[escombros]

Rodrigo Briveira

[escombros] | Rodrigo Briveira, 2019

Edições Temulentas:

Eduardo Figueiredo
Rodrigo Briveira

Foto:
Elizier Santos

Contato: briver.rod@gmail.com

Belém | Pa
2019

SALTO

mão em choque
contra a palavra

fêmea eletrificando
qualquer paisagem

dando voz ao oco
ao voo & ao eco

ela afeta meus
dispositivos

perco as asas e só
necessito de vento

salto então para
o íntimo infinito

SEDE

pérola antes
do naufrago

promessa de
silêncio dentro
da concha

areia após
ter embalado
tantas pegadas

ondas sem o embolo
da soturna margem

sol se esgueirando
pelas pedras
e pelo pó

sal atando a distância
no rumor do azul

o barco faz água
e naufrago na sede
que é a palavra

ABATEDOURO

aproveite o tempo
sem tê-lo de fato
destino é coisa
sem importância

o caos chama para o
abatedouro dos relógios
as horas onde pastam
o gado que somos nós

um dia nós é que
seremos o adubo
de outra era

aproveite o tempo
antes de voltar ao pó

nas tetas da morte
bebemos o sangue
o sumo da esperança e
devoramos o campo
em que o tempo dá flores
tão fugazes quanto cada
um dos seus momentos

aproveite o tempo
antes que o tempo
reaproveite você

SE NECESSÁRIO

abandone qualquer
estúpido estoicismo

masturbe sua língua
more num hospício
seja o pedaço

destroço

entulho

desastre

escombros

antes prefira tormenta a calmaria
fel pode ser leite um dia
lamba a lâmina morda a fala beije a agonia

troque o mel pela abelha
enfurecida

permita-se ter uma perversão
mesmo pequena ou indefinida

só não seja o cão tolerado
pela gerência
por ser inofensivo

se necessário
morda

OFERENDA

Para Izabela Leal

noite

banquete profanação
santos azuis e anjos nus
sentam-se à mesa

o festim famigerado é servido
meu corpo é templo
de insetos e deuses

sou oferenda em minha própria carne
sou sacrifício dado ao mundo
seus dentes latejam na boca de um cão

líquida a lua sobe ambrosia
entre cio e sono visto a vigília

feras genuflexas nos ares gritam
depois descem em silêncio sobre mim
e lhes digo comei e bebei

o canibalismo é permitido
e consanguíneos
beijamos a mão da mesma mãe

mas em vez de mão
lembramos sua ausência
e beijamos a sua faca

esta hóstia hostil

ANCEDER O CORPO

colho palavras na boca do sol
ele ejacula sua seiva na cara
do mundo e grita fogo

fogo

fogo

é tempo de colher palavras
desvairar feito erva-daninha
terrivelmente verde

o verbo se faz carne e crepúsculo
ao fim do dia vamos comê-lo vivo
sem cerimônia sem parcimônia

é tempo de colher na terra a palavra
maná de fogo a pérola que nasce no
exílio da concha e no âmago do mar
cheias de grãos que já foram estrelas

é preciso colher palavras abrir outra
porta sofrer naufragos fingir a morte
assumir o volante de tudo e ver cada
palavra acender o corpo que grita
fogo

fogo

fogo

NO OLHO DO MENINO

Para Eduardo Vidal

há espanto no olho do menino
e cisco inseto flores brisa cabelos
seus olhos outros sexos
ele traz ralho sob as retinas
se prolongando raio na treva
o menino me olha e me fere
espada de Laertes
ele me encara do alto de si
não tenho blindagem para isso
o cessar-fogo entre nós não é possível
a distância nos separa mas também une
só o que nos ameaça é a falta de tempo
o tempo sempre falta
o infinito dura pouco
o olho do menino arde me interditando
sou alvo aberto para seu tiro livre
insisto e olho o menino
atravesso seus óculos
ele sorri com promessa
a cor dos olhos dele não sei dizer
é noite
sou cego
transpiro enquanto o menino
me vê e valsa na minha miopia
ele parte
eu fico
no seu último olhar
me espatifo
no ponto de ônibus

A MINHA ALTURA

Para Ramon Cardeal

precipita-se na parede a
única lagartixa da casa
ela tão austera
aspergindo a falta de cor na sala
aspa contra o nada

áspero ás da carta na manga

eu

 crescendo pelos interiores
e margens

a parede sempre recebe a lagartixa
mas me rejeita

 golpe
 branco no
 olho

ela

puma

esta lagartixa

 me observa e
 a parede a imita

os olhos cintilantes sobre mim

 lentes de alto alcance
 retinas de lince

 miro a lagartixa
 ignoro a parede

disfarço

revejo meus princípios

precipito-me

 em sua pose de réptil
 em estado de graça

enfim

um combate a minha altura

A BEIRA DO RIO GUAMÁ

a distância tinge as nuvens com seu azul

é meio dia

longe as ilhas borrifam leite

no rio e seu vitral se parte

a fome passeia pela bocas

ávidas vias se nutrem da paisagem

uma balsa passa e risca a

espuma dos meus olhos

por um instante eu vejo o mundo

há barro sob as unhas da tarde

búfalos repletos de azul silenciam

com o salobre da vista e comungam

do sol a caminho da morte

é meio dia

miro a exaustão das antenas e seus braços

eletrificados contra o horizonte a escorrer

pelas janelas atracadas em casas náufragos

para lá dos devaneios da distância

crianças tomam a benção

da mata madrinha de todas

à deriva de seus sonhos vivem

é meio dia

estou sem fome

ENCONTRO COM UM CERTO COELHO ATRASADO

Para Galvanda Galvão

relógios
leões ou máquinas
quicá ambos
nada parcimoniosos
a rondar
 a render

seu silêncio letal
sua onomatopeia
 de hélices
brutais
anônimas
desastrosas

 o tempo não erra

tropeçamos no cão da hora

enquanto um dos ponteiros grita

cortem-lhe as cabeças

Temulento

Temulento é sinônimo para ébrio, ou seja, embriagado de álcool. No entanto, Guimarães Rosa em um dos quatro prefácios de *Tutaméia* (1967), intitulado “Nós, os temulentos”, amplia o sentido da palavra e explica que a bebedeira não é apenas alcoólica, ela se manifesta em todo aquele que está desnortado, que converte a realidade em irrealidade, que faz e/ou vive a poesia.

Eduardo Figueiredo